

**FORMAÇÃO DISCURSIVA  
EM RELAÇÃO À PROPOSTA DE REDAÇÃO DO ENEM 2015:  
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

*Michelle Fernanda Giusti Fabrin (UEMS)*

[ichellegiustii@gmail.com](mailto:ichellegiustii@gmail.com)

*Aline Saddy Chaves (UEMS)*

[alinechaves@uems.br](mailto:alinechaves@uems.br)

**RESUMO**

O tema da redação do Enem 2015 “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” gerou grande polêmica nas mídias sociais brasileiras. O presente artigo analisa, com base na análise do discurso francesa, a repercussão do tema em comentários realizados por usuários da rede Twitter. Resultado de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Campo Grande), essa pesquisa tem por objetivo maior analisar os efeitos de sentido gerados a partir do tema em pauta, tendo-se como hipótese a persistência da desigualdade de gêneros, pelo resgate, nos textos analisados, de uma representação discursiva histórica sobre o lugar da mulher. Para embasar esse estudo, também nos apropriamos das ideias desenvolvidas por Simone de Beauvoir acerca do papel social da mulher, considerada o segundo sexo.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Formação discursiva. Enem. Redação.

**1. Introdução**

O objetivo desse trabalho é realizar uma análise de discurso tendo como corpus a repercussão, na rede social Twitter, do tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2015, a saber, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Em 2009, o ENEM foi utilizado como instrumento de seleção para que os estudantes de ensino médio pudessem ingressar no ensino superior. São milhões de jovens concorrendo a uma vaga gratuita ou até mesmo alguma porcentagem de bolsa de estudos. Em 2015, foram 8,4 milhões de inscritos para o Enem, dado que só comprova a amplitude do Exame.

Sobre a utilização das redes sociais, Pierre Levy afirma:

Além disso, nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecnossocial, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não

entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação. (LEVY, 1997, p. 27)

Com a cibercultura, milhões de usuários, ao redor do mundo, estão conectados. Atualmente a maioria das pessoas têm acesso a celulares e computadores. Por meio desses dispositivos, nos comunicamos uns com os outros em tempo real, ainda que à distância. Os gêneros discursivos são variados: chat, aplicativos de mensagens instantâneas, gravações de áudio, comentários de fotos e vídeos. As redes sociais possuem muitos usuários fiéis, que passam horas *online*, observando e comentando em tempo real.

No dia da realização do ENEM 2015, houve uma explosão de comentários sobre o tema da redação no mundo digital. A repercussão foi tão grande que houve matérias de jornais sobre a polêmica, e até mesmo a criação de páginas, como na rede social Tumblr- por meio da conta “machistinhasdoenem”<sup>5</sup>, que apresenta imagens de comentários ofensivos em relação à mulher e ao tema proposto pelo ENEM no referido ano.

O objeto de pesquisa se justifica por abordar uma temática polêmica em relação ao papel social da figura feminina e, em particular, sua representação ideológica na linguagem/discurso. O feminismo tem uma estrada de longa data, marcada pela luta por igualdade de direitos aos gêneros. Sabendo-se que a violência contra a mulher afeta a sociedade como um todo, não há comentário neutro nessa relação.

Desse modo, analisamos os comentários realizados por usuários da rede Twitter e os examinaremos segundo o embasamento teórico e metodológico da análise do discurso de linha francesa, pela vertente de Michel Pêcheux (1997) e Eni Puccinelli Orlandi (2010).

De modo complementar a esse referencial, o presente artigo - resultado de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, realizada na Universidade Estadual de Mato Grosso do (Campo Grande) – também se fundamenta nos escritos de Simone de Beauvoir acerca do papel social e histórico da mulher, considerada o segundo sexo.

## **2. *Embasamento teórico: Análise do discurso de linha francesa.***

A análise do discurso inicia-se nos anos 1960, na França, tendo

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://machistinhasdoenem.tumblr.com>>. Acesso em: 27-12-2015.

como fundador o filósofo Michel Pêcheux. Suas ideias surgiram em meio a uma conjuntura intelectual marcada pela ruptura com os paradigmas vigentes. Situada no cruzamento da linguística, do marxismo e da psicanálise, a análise do discurso questiona o papel das ciências sociais, e busca na linguagem as explicações sobre as dinâmicas sociais, por meio das noções de língua, sujeito e ideologia. O foco incide não sobre a gramática normativa, nem tampouco sobre a língua como sistema fechado; o que interessa é o discurso, considerado, a partir da língua, como veículo de (re)produção de (efeitos de) sentido.

Desse modo, o sujeito é quem produz o discurso e esse mesmo sujeito está saturado de ideologia. Há a relação do sujeito com o sentido, a linguagem com o mundo, sendo que esses processos são históricos. De acordo com Helena Hathsue Nagamine Brandão (2012), isso ocorre porque o sujeito está inserido em um determinado lugar e em uma determinada época, com suas peculiaridades sociais e morais, ou seja, em determinadas condições de produção. (ORLANDI, 2010)

Os discursos estão impregnados de sentidos, e o enunciado sempre terá uma relação com a história, visto que carregados de outros enunciados, presentes na memória. A esse respeito, afirma Eni Puccinelli Orlandi: "Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros". (ORLANDI, 2010, p. 39)

Desde crianças, ouvimos um discurso e ele é internalizado, sendo, futuramente, resgatado, mesmo que inconscientemente. Esse é o campo da memória denominado interdiscurso. O que podemos observar é que o discurso de hoje se funda no discurso de ontem, e o de amanhã será uma reação ao de hoje, mesmo que inconscientemente.

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (2010, p. 31) “[...] O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Muitas vezes sem se dar conta, o sujeito absorve vários discursos, que, internalizados, o farão ter uma formação discursiva correspondente.

Pela ótica da análise do discurso, a língua não é transparente, tampouco sua materialização em textos, cujos signos estão carregados de sentido. A língua, unida à história, gera o que chamamos de forma material, que irá fornecer sentido para o texto. Somente assim a língua é capaz de produzir sentido. Esse é o materialismo histórico e ideológico do dis-

curso, que gera a (in) compreensão entre os sujeitos. O discurso é o meio de transporte da relação entre língua, ideologia e história. Eni Puccinelli Orlandi (2010, p. 19) nos explica:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2010, p. 19)

Segundo Michel Pêcheux (1969 *apud* ORLANDI, 1987, p. 28), “Não há, pois, razão para se considerar o discurso como mera transmissão de informação, mas, antes, devemos considerá-lo como efeito de sentidos”. Desse modo, o exterior da linguagem lhe é constitutivo. Ainda que o sujeito (emissor) acredite que seu discurso seja único ou neutro, o aspecto social está presente nos discursos, logo, essa neutralidade é suposta, pois, para fazer sentido, não basta a linguagem; é necessário que haja o sujeito e o social.

Sobre a noção de sujeito, Eni Puccinelli Orlandi (1987, p. 33) diz que “não se trata do sujeito em si, abstrato e ideal, mas o sujeito mergulhado no social que o envolve, e preso, pois, da contradição que o constitui”. Como vimos, o social está absorvido pelo sujeito; querendo ou não, as relações sociais e as ideologias estão embutidas em cada discurso e em cada um de nós, enquanto sujeitos.

Sobre o discurso e a análise do discurso, Maria do Rosario Valencin Gregolin afirma:

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semionarrativas. Através da análise do discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). (GREGOLIN, 1995, p. 17)

Dessa forma, o discurso poderia ser considerado as artérias do texto concreto, e o dispositivo teórico e analítico da análise do discurso permite que se olhe além da estrutura da língua. Podemos refletir sobre a maneira como o texto diz algo e sobre o motivo dessa abordagem. Na perspectiva discursiva da análise do discurso, o texto não é apenas veículo de informação: as condições de produção, que são comunicativas e históricas, leva o analista a considerar todo texto como discurso. Segundo Guespin (1971, *apud* ORLANDI, 1987): "Um olhar lançado sobre um

texto do ponto de vista de sua estruturação em língua faz dele um enunciado. Um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso". (GUESPIN, *apud* ORLANDI, 1987, p. 117)

O tipo de análise realizada do texto é que dirá o objeto; se for uma análise de discurso, trabalhará o texto como unidade de significação e observará suas condições de produção.

Como já dito, o sujeito é carregado de ideologia; mesmo que inconscientemente, seu discurso deixa marcas de sua ideologia, e isso dará forma ao seu discurso. Essa ideia está concentrada no conceito de formação discursiva, que “determina o que pode e o que deve ser dito a partir de uma certa região da formação social, a partir de um certo contexto sócio-histórico”. (ORLANDI, 1987, p. 73)

É importante pontuar que as formações discursivas refletem as formações ideológicas. Em dois grupos de pessoas (A e B), por exemplo, as pessoas do grupo A partilham de uma ideologia oposta à ideologia das pessoas do grupo B, logo, a formação discursiva de um integrante do grupo A será diferente da formação discursiva do grupo B. Suponhamos que o grupo A seja um grupo religioso, e as pessoas do grupo B sejam cientistas. Sendo assim, o sentido de um texto ou de um discurso estará ligado a essa relação ideológica antagonista.

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (1987, p. 26) “para ter sentido, qualquer sequência deve pertencer a uma formação discursiva que, por sua vez, faz parte de uma formação ideológica determinada”. As palavras por si não são capazes de promover o sentido; o sentido de um texto é consequência da forma do discurso e materializado nele está a ideologia de um grupo ou classe.

### **3. O tema da redação do Enem 2015**

O primeiro dia de prova foi em 24 de outubro de 2015. Os estudantes tiveram que resolver as questões de ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias. No segundo dia, 25 de outubro, as questões foram sobre linguagens, códigos e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias, juntamente com a prova de redação, cujo tema foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”.

A proposta de redação era acompanhada de quatro textos motivadores, sendo três deles com estatísticas sobre a violência contra mulheres. O primeiro texto exibe o número de mulheres assassinadas no Brasil entre 1980 e 2010; foram mais de 92 mil casos. No segundo texto, são apresentados os tipos de violências, dentre elas, os três maiores números de ocorrências são, respectivamente: violência física, violência psicológica e violência moral. A violência física chega a 51,68% das ocorrências. O terceiro texto é uma imagem com a seguinte campanha: Femicídio. Basta. O quarto texto exibe números de casos registrados pela Lei Maria da Penha; apenas entre 2006 e 2011, foram mais de 330 mil processos. Desse número, tem-se 58 mulheres e 2.777 homens presos, enquadrados na Lei Maria da Penha em 2010, segundo o Departamento Penitenciário Nacional.

Conclui-se, a partir dos textos motivadores, que o número de agressões às mulheres é muito maior do que agressões contra homens. Nesse ponto, discutiremos a seguir sobre o movimento feminista, que defende os direitos das mulheres.

#### **4. *Feminismo e violência contra a mulher***

Os movimentos feministas surgiram em 1960, com o intuito de garantir direitos civis para as mulheres. Na França, em 1949, foi publicado o livro de Simone de Beauvoir, intitulado *O segundo sexo: a experiência vivida*. Simone de Beauvoir era uma das poucas mulheres intelectuais com destaque na época, e esse livro já trazia questões sobre o lugar na sociedade que é imposto à mulher. Na obra, é retratada toda a trajetória de uma pessoa do sexo feminino: como é tratada desde criança, a diferença nos modos da menina e do menino, as brincadeiras de um e de outro, os brinquedos, tudo isso sempre obrigado pelos pais e pelas pessoas à volta.

Nascida em 9 de janeiro de 1908 em Paris, Simone de Beauvoir foi filósofa, escritora e uma grande referência para o movimento feminista. Desde cedo, questionava o mundo e a religião. Após tantas indagações, ela afirmava não acreditar mais em Deus. Não se rotulava feminista; apenas acreditava que homens e mulheres deveriam ter os mesmos direitos. Segundo Simone de Beauvoir (1958, p.192), “não era feminista na medida em que não me preocupava com política: pouco se me dava o direito de voto. Mas, a meus olhos, homens e mulheres eram igualmente pessoas e eu exigia exata reciprocidade”. Ela foi uma revolucionária para

a época, suas ideias e conquistas abriram muitas portas para o sexo feminino.

Como já dito, Simone de Beauvoir, com seu olhar peculiar e muito à frente de sua geração, observava e questionava tudo que lhe era imposto pela sociedade. Por ter sua opinião formada, muitas vezes discutiu com seus pais, já que tinham opiniões opostas. A escritora teve um companheiro por longos anos de sua vida: Jean-Paul Sartre, renomado filósofo existencialista. Ambos trocavam conhecimentos e experiências. Simone de Beauvoir chega a escrever o livro *A cerimônia do adeus*, publicado em 1981, dedicado a Jean-Paul Sartre, após o falecimento deste.

Desde cedo, Simone de Beauvoir adquiriu um senso crítico que a fez precocemente notar como era cruel a sociedade patriarcal da época. Há uma passagem em seu livro em que descreve a visão machista em seu entorno. A filósofa fala um pouco sobre a superioridade masculina na passagem a seguir:

[...] A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. (BEAUVOIR, 1949, p. 30)

Como se pode notar, Simone de Beauvoir cita uma grande quantidade de homens da mitologia, da política, nomes que entraram para a história, porém, mostra que as mulheres não possuíam o mesmo espaço, nem tampouco a mesma representação. O homem ocupava o centro, e até mesmo na literatura são poucas mulheres que ganham destaque ou são citadas.

O feminismo não enfatiza somente a mulher, mas também situa o homem como vítima da sociedade. Por exemplo, nem sempre o menino quer desgrudar da mãe, ou deixar de receber carinho para se tornar mais homem. Simone de Beauvoir (1949, p. 12) explica bem essa questão:

[...] mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acarícia-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos, são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos: contatos carniais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. 'Um homem não pede beijos. . . um homem não se olha no espelho. . . Um homem não chora', dizem-lhe. Querem

que ele seja "um homenzinho"; é libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles. Agrada se não demonstra que procura agradar.

A autora admite não ter os homens como rivais, já que ela tinha tanto intelecto quanto os estudantes homens. Segundo Simone de Beauvoir (1958, p. 302) “desde o início, os homens foram para mim colegas e não adversários”. Ela não aceitava essa hierarquia do sexo masculino perante o sexo feminino, pois, segundo ela, “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2008, p. 25). De acordo com essa tradição, a mulher, muitas vezes, está nas mãos do homem, a história a fez subordinada ao ele. A respeito da diferença entre condições entre homem e mulher, ela afirma:

[...] a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum País seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente [...] Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. (BEAUVOIR, 2008, p. 32)

Os movimentos feministas lutam pelo direito de igualdade e respeito entre os gêneros, mas não apenas isso; a luta é pela liberdade de escolha. Para o movimento, a mulher tem o direito de ser quem é tal como achar melhor, não ser “um produto elaborado pela civilização” (BEAUVOIR, 2008, p. 110). Ela pode optar por usar saia ou calça, praticar o esporte que admira sem que lhe digam que essa atividade é para homens, ter a profissão de que gosta sem se importar com a classificação de profissões masculinas e profissões femininas.

Em relação à autonomia profissional, as mulheres casadas no Brasil, até 1962, só poderiam trabalhar fora mediante autorização do marido. No Brasil, as feministas Romi Medeiros da Fonseca e Ormindia Ribeiro Bastos elaboraram, em 1952, um projeto que visava a mudar a legislação em relação à incapacidade jurídica das mulheres casadas, projeto que só veio a ser aprovado em 1962.

Entretanto, a conquista das mulheres para trabalhar fora de casa por vontade própria gerou um segundo emprego, pois elas não deixaram de trabalhar em casa. A única diferença é que um emprego fora de casa é remunerado, diferentemente do trabalho do lar. Segundo Thomas Bonnici (2007, p. 154), “o mito, ainda presente e atuante, é que o trabalho da mulher é algo *natural*, ou seja, cumpre-se a função biológica de dar à luz, criar os filhos, executar os afazeres domésticos”.

O voto foi outra luta dos movimentos feministas. Graças a esse primeiro passo, hoje as mulheres podem, além de votar, entrar para os partidos políticos. A falta de espaço para a mulher na literatura e nas Universidades foi outro ponto muito observado e criticado pelos movimentos. Segundo Thomas Bonnici (2007, p. 87) o feminismo engloba:

[...] a luta por oportunidades iguais no emprego, a pornografia, a objetificação da mulher na propaganda veiculada na mídia, os direitos das mulheres negras em países industrializados e não-industrializados, os direitos das lésbicas, a luta pela autonomia corporal.

Uma luta muito importante do feminismo é conscientizar as mulheres a denunciarem os casos de violência, sejam eles ofensa, assédio sexual ou estupro. Embora tardia, uma nova conquista para as mulheres, vigorada em 7 de agosto de 2006, foi a Lei n. 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que tem por objetivo:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.<sup>6</sup>

A violência contra a mulher se faz presente há muito tempo. No Brasil, foi preciso criar uma lei para que, a partir da denúncia, haja a punição de ações de violência. Muitas vezes, a mulher é vítima de agressão pelo próprio companheiro, sendo que a agressão pode ser não somente física, mas também moral (xingamentos). Julio Jacobo Waiselfisz (2015, p. 11) mostra, nas seguintes tabelas, os dados estatísticos sobre o número de homicídios de mulheres no Brasil entre 1980 e 2013:

---

<sup>6</sup> Extraído do site [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm) Acesso em 05 jan. 2016.

Tabela 2.1. Número e taxas (por 100 mil) de homicídio de mulheres. Brasil. 1980/2013

| Ano  | n.    | Taxas | Ano              | n.      | Taxas |
|------|-------|-------|------------------|---------|-------|
| 1980 | 1.353 | 2,3   | 2001             | 3.851   | 4,4   |
| 1981 | 1.487 | 2,4   | 2002             | 3.867   | 4,4   |
| 1982 | 1.497 | 2,4   | 2003             | 3.937   | 4,4   |
| 1983 | 1.700 | 2,7   | 2004             | 3.830   | 4,2   |
| 1984 | 1.736 | 2,7   | 2005             | 3.884   | 4,2   |
| 1985 | 1.766 | 2,7   | 2006             | 4.022   | 4,2   |
| 1986 | 1.799 | 2,7   | 2007             | 3.772   | 3,9   |
| 1987 | 1.935 | 2,8   | 2008             | 4.023   | 4,2   |
| 1988 | 2.025 | 2,9   | 2009             | 4.260   | 4,4   |
| 1989 | 2.344 | 3,3   | 2010             | 4.465   | 4,6   |
| 1990 | 2.585 | 3,5   | 2011             | 4.512   | 4,6   |
| 1991 | 2.727 | 3,7   | 2012             | 4.719   | 4,8   |
| 1992 | 2.399 | 3,2   | 2013             | 4.762   | 4,8   |
| 1993 | 2.622 | 3,4   | 1980/2013        | 106.093 |       |
| 1994 | 2.838 | 3,6   | Δ% 1980/2006     | 197,3   | 87,7  |
| 1995 | 3.225 | 4,2   | Δ% 2006/2013     | 18,4    | 12,5  |
| 1996 | 3.682 | 4,6   | Δ% 1980/2013     | 252,0   | 111,1 |
| 1997 | 3.587 | 4,4   | Δ% aa. 1980/2006 | 7,6     | 2,5   |
| 1998 | 3.503 | 4,3   | Δ% aa. 2006/2013 | 2,6     | 1,7   |
| 1999 | 3.536 | 4,3   | Δ% aa. 1980/2013 | 7,6     | 2,3   |
| 2000 | 3.743 | 4,3   |                  |         |       |

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

Gráfico 2.1. Evolução das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil. 1980/2013



Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

Embora o número de homicídios tenha caído a partir de 2006, graças à Lei Maria da Penha, após 2007, os números voltaram a subir. Julio Jacobo Waiselfisz (2015, p. 42) detalha, na tabela a seguir, o número de atendimentos no SUS por violência contra homens e mulheres:

Tabela 8.1.1. Número, distribuição por sexo (%), estrutura (%) e taxas de atendimento (por 10 mil) por violências no SUS, segundo etapa de vida e sexo. Brasil. 2014

| Etapa        | Número         |               |            |                | Sexo (%)    |             |            |              |
|--------------|----------------|---------------|------------|----------------|-------------|-------------|------------|--------------|
|              | Fem.           | Masc.         | S/D        | Total          | Fem.        | Masc.       | S/D        | Total        |
| Criança      | 20.707         | 17.411        | 130        | 38.248         | 54,1        | 45,5        | 0,3        | 100,0        |
| Adolesc.     | 24.708         | 13.248        | 9          | 37.965         | 65,1        | 34,9        | 0,0        | 100,0        |
| Jovem        | 42.442         | 18.213        | 16         | 60.671         | 70,0        | 30,0        | 0,0        | 100,0        |
| Adulto       | 52.979         | 21.264        | 13         | 74.256         | 71,3        | 28,6        | 0,0        | 100,0        |
| Idoso        | 6.855          | 5.800         | 1          | 12.656         | 54,2        | 45,8        | 0,0        | 100,0        |
| <b>Total</b> | <b>147.691</b> | <b>75.936</b> | <b>169</b> | <b>223.796</b> | <b>66,0</b> | <b>33,9</b> | <b>0,1</b> | <b>100,0</b> |

| Etapa        | Estrutura (%) |              |              |              | Taxas de atendimento |            |            |             |
|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|----------------------|------------|------------|-------------|
|              | Fem.          | Masc.        | S/D          | Total        | Fem.                 | Masc.      | S/D        | Total       |
| Criança      | 14,0          | 22,9         | 76,9         | 17,1         | 12,4                 | 9,9        | 0,0        | 11,1        |
| Adolesc.     | 16,7          | 17,4         | 5,3          | 17,0         | 24,0                 | 12,3       | 0,0        | 18,0        |
| Jovem        | 28,7          | 24,0         | 9,5          | 27,1         | 21,9                 | 9,6        | 0,0        | 15,8        |
| Adulto       | 35,9          | 28,0         | 7,7          | 33,2         | 12,4                 | 5,5        | 0,0        | 9,1         |
| Idoso        | 4,6           | 7,6          | 0,6          | 5,7          | 4,7                  | 5,0        | 0,0        | 4,8         |
| <b>Total</b> | <b>100,0</b>  | <b>100,0</b> | <b>100,0</b> | <b>100,0</b> | <b>14,2</b>          | <b>7,8</b> | <b>0,0</b> | <b>11,1</b> |

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

No total, foram 147.691 mulheres agredidas, entre crianças e idosas; e 75.936 homens, entre crianças e idosos agredidos. É possível notar que o número de vítimas mulheres é bem maior do que o de vítimas homens, chegando quase a ser o dobro.

## 5. Discurso de usuários da rede social Twitter sobre o tema da redação do Enem

A seguir, procedemos à análise discursiva dos comentários realizados por usuários da rede social Twitter.



Para analisar esse comentário, optamos por desmembrar suas partes, a fim de encontrar as marcas do interdiscurso, considerando que o

<sup>7</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/redacao-sobre-violencia-contra-mulher-gera-polemica-no-twitter.html>>. Acesso em: 05-03-2016.

sentido se sustenta pelo(s) não-dito(s). Segundo Ginsburg (1980 *apud* ORLANDI, 2001, p. 54), “as marcas são pistas”. Temos, assim:

O **melhor** jeito de **acabar** com a violência contra as mulheres  
é **minha roupa estar lavada**  
e a **comida estar na mesa** na **hora certa**.

Podemos observar, nos temos em destaque, o advérbio de modo - *melhor* e o verbo- *acabar*, no seguinte trecho: “O melhor jeito de acabar com a violência contra as mulheres”. Podemos substituir a expressão por: a *única* maneira de *não ocorrer* mais violência contra as mulheres. Substituímos os termos porque *melhor* impede de pensar em outra opção, pois essa já seria a melhor; e o verbo *acabar* implica a ideia de resolução do problema da violência, a qual não ocorreria mais.

Com a expressão “minha roupa estar lavada”, o locutor do enunciado aparece como sujeito social formado, pois *minha* é pronomes possessivo que o identifica. Temos, ainda:

**roupa** estar **lavada** – aqui podemos unir as palavras “roupa lavada”

**comida** estar **na mesa** na hora certa – e aqui unimos “comida na mesa”

Podemos classificar o discurso como imperativo, já que o sujeito quer sua roupa lavada e a comida na mesa na hora certa. O verbo *estar* aparece duas vezes, ou seja, ele ressalta que a *roupa* e a *comida* têm que estar prontas. Não apenas a *roupa* e a *comida* têm que *estar* prontas para o sujeito, nesse *estar* entra a *mulher*, que tem que *estar* em dia com suas atividades domésticas. É possível parafrasear essas atividades domésticas por trabalho doméstico, porque o interlocutor determina a hora: em atividades laborais temos horário certo para a conclusão do trabalho.

Investigando os substantivos do discurso, temos: jeito; violência; mulheres; roupa; comida; mesa; hora e certa. Observa-se a presença de oito substantivos, sendo que pelo menos cinco levam a mulher ao campo semântico *casa* (domicílio; lar; mulher casada).

Verificadas as possibilidades de leituras, chegamos à conclusão de que o discurso é autoritário e possui traços da ideologia machista, resgatada por uma memória discursiva que estabelece o que a mulher deve fazer, e quando.

Os dizeres desse sujeito provocam um efeito de sentido de que não haverá violência contra a mulher se ela concluir suas atividades domésticas. Em relação à mulher, esse discurso é manifestamente machista,

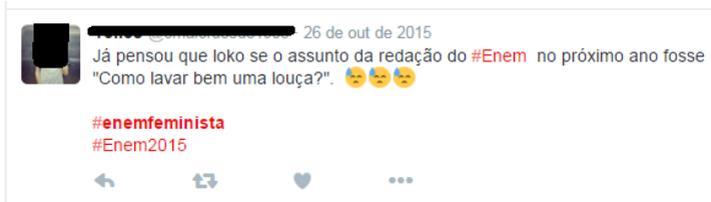
ideologia oposta à ideologia feminista.

Enunciados como esses constituem, pela ótica da análise do discurso, uma paráfrase, na medida em que recuperam sentidos historicamente estabelecidos, mas também já esquecidos pelo sujeito, por um processo histórico e ideológico, ou ainda, pela ilusão que o sujeito tem de poder controlar o sentido das palavras disponibilizadas por sua língua. No enunciado em questão, surgem as seguintes redes de sentido: “Se as mulheres não forem empregadas dos homens, a violência contra elas não irá acabar”, e ainda, “Lugar de mulher é na cozinha”.

De acordo com a ideologia machista, o marido tem o direito de mandar na esposa e, conforme o discurso analisado, nada acontecerá com a mulher se ela seguir as ordens, mas, e se a roupa não for lavada? E se a comida não estiver pronta? O que acontecerá com a mulher? O verbo *acabar* só entra em ação se a mulher cumprir os deveres impostos pelo sujeito do discurso; caso isso não ocorra, podemos depreender, no enunciado analisado, que haverá agressão doméstica. Ressaltando o machismo, temos o substantivo *mulheres* no plural, ou seja, o interdiscurso se aplica a todas.

Podemos observar que o enunciado é irônico e possui dois discursos: o que apoia a não violência contra a mulher, e o discurso associado à sociedade machista. O interdiscurso do interlocutor o define como machista, pois a memória resgatada por ele diz que a mulher tem que lavar sua roupa e fazer sua comida.

Apresentando outro enunciado, também um comentário do Twitter, temos:



O comentarista propõe um tema de redação para o Enem do ano

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://twitter.com/omaiordesde1903/status/658765150720233473?lang=pt-br>. Acesso em: 05-03-2016.

seguinte. Lembrando o tema de redação do ano de 2015, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, o tema proposto no comentário mantém uma relação interdiscursiva, ao propor “Como lavar bem uma louça”. Denominamos os temas como Tema 1 e Tema 2, respectivamente. O tema 1 (Enem) é informativo e tem como objetivo conscientizar a população a diminuir e acabar com a violência contra as mulheres. O tema 2 (comentarista) é de caráter instrutivo, pois orientaria *como lavar adequadamente a louça*.

Para o locutor, os dois temas estão correlacionados. Com efeito, o sujeito relaciona a prática de lavar louça como sendo tarefa da mulher, visto que ele tem como base o tema 1 (Enem) para elaborar o tema 2, por um procedimento de memória discursiva. A relação entre os dois temas é a mulher. O circunstancial *se*, no enunciado, é o apoio da argumentação, e parafraseia o tema da violência contra a mulher para atividade doméstica. O tema 2 remete à cozinha, pois é um serviço doméstico que, na estrutura patriarcal, ou ainda, na ideologia machista, é lugar e tarefa exclusivos das mulheres.

No enunciado, também aparece o verbo pensar: “Já *pensou* que loko *se* o assunto da redação do #Enem no próximo ano fosse ‘Como lavar bem uma louça?’”. Esse verbo expressa que o sujeito está pensando em um possível tema de redação. Com o ponto de interrogação, ele nos induz a pensar nesse tema e é nesse pensamento que encontramos a ideologia presente no inconsciente do sujeito, tornando-se um interdiscurso. Quando ele associa o tema 1 ao tema 2, de sua autoria, relaciona-o à mulher, deixando à mostra o interdiscurso com a ideologia machista. Em uma rede parafrástica de sentidos, poderiam ser sugeridos temas do tipo “Como arrumar bem a casa”, “Como cuidar bem dos filhos”, “Manual de como cozinhar bem”. Sobre a ideologia, afirma Eni Puccinelli Orlandi (1987, p. 74) que “todo texto tem sua ideologia, e podemos determinar a relação do texto com a ideologia através da caracterização da formação discursiva da qual ele faz parte”.

De acordo com as análises realizadas, os dois comentários estão vinculados à mesma ideologia. O primeiro comentário apresentou o contexto do lar, em que os substantivos são: violência, mulheres, roupa, comida, mesa, hora e certa. No segundo comentário, temos os seguintes substantivos: assunto, redação, ano e louça. Em ambos os comentários, aparece a formação discursiva “lavar”, em *roupa lavada* e *lavar louça*.

Com essas análises, passamos às considerações finais.

## 6. Considerações finais

Neste artigo, expusemos o tema da redação do Enem de 2015 e analisamos dois enunciados (comentários) publicados na rede social Twitter, a partir da temática da prova de redação do MEC, o ENEM. Para tanto, procedemos ao desmembramento das partes dos enunciados, de modo a mostrar, na materialidade linguística, a persistência da ideologia machista no cotidiano, apesar dos inúmeros avanços em prol de uma representação valorizante, e de uma atuação igualitária da mulher na sociedade.

Do ponto de vista dos efeitos de sentido, verificamos que uma temática tão séria quanto a violência contra a mulher virou motivo de chacotas, escárnio, por parte dos comentaristas, a tal ponto que esses enunciados sugerem que, se a mulher cumprisse seu papel de esposa e do lar, não haveria a famigerada violência doméstica, contrariando dados oficiais sobre as taxas de homicídio e violência doméstica contra as mulheres.

Concluindo, podemos ver que as formações discursivas são carregadas de ideologias; mesmo que inconscientemente, os sujeitos enunciam a partir de um certo lugar, historicamente situado. Ambos os sujeitos são afetados pela história e pelo conhecimento compartilhado de acordo com seu grupo social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A mulher independente*. Trad.: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

\_\_\_\_\_. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Trad.: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1958.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad.: Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Analisando o discurso. In: *Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz*, 2012. Disponível em: <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/?p=40>>. Acesso em: 30-12-2015.

BRASIL. Presidência da República. *Lei Nº 11.340 de 07 de agosto de 2006*. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 05-01-2016.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Mulheres conquistam direitos nos últimos 100 anos*, 2014. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/03/mulheres-conquistam-direitos-nos-ultimos-100-anos>>. Acesso em: 26-12-2015.

COSTA, Marcos da. *Ousadia e pioneirismo das advogadas*, 2012. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/palavra-do-presidente/2012/174>>. Acesso em: 02-01-2016.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara, n. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3967/3642>>.

INEP. *Exame Nacional do Ensino Médio 2015*. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2015/CAD\\_ENEM%202015\\_DIA%2005\\_AMARELO.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%2005_AMARELO.pdf)> Acesso em: 15-02-2016.

INEP. *Sobre o ENEM*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>> Acesso em: 26-12-2015

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (Orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi *et alli*. Campinas: Unicamp, 1997.

WASELFSZ, Julio Jacobo. *Mapa violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil*. 1. ed. Brasília: Flacso, 2015.